

A QUESTÃO RUSSA PARA MARX E ENGELS

Marcos DEL ROIO¹

Marx começou a se interessar por temas relativos à Rússia na época da guerra da Criméia (1854-1857), abordando, nas páginas da revista inglesa *The Free Press*, a história das relações diplomáticas do século XVIII. Na análise de Marx, a Prússia cumpria um deplorável papel na destruição da Polônia, depois de já ter exercido importante função na derrota da Suécia, países que constituíam as barreiras que continham o avanço russo na direção do Ocidente. A estratégica aliança russo-prussiana, convergindo com a política externa inglesa, impedia a generalização da revolução burguesa no continente e a ascensão do movimento proletário.

Tanto Marx quanto Engels demonstram vivo e crescente interesse pela questão russa, tanto do ponto de vista de sua influência sobre os assuntos europeus, quanto do ponto de vista da polêmica sobre a natureza de sua forma social e da revolução. De todo modo, a preocupação política fundamental era derrotar o regime russo, visto como um obstáculo intransponível à revolução proletária européia.

Na parte dos *Grundrisse* conhecida como “*Formen*”, redigida em 1857-1858, Marx anota que a forma social eslava surgira como uma variante da forma oriental, mas seu entrelaçamento com a forma germânico-feudal e sua posterior articulação, por meio do comércio, com o “segundo período manufatureiro”, levou a Rússia a estabelecer uma particular formação social feudal, baseada na servidão, mas com significativa presença de escravos, além de forte sobrevivência da antiga “comunidade eslava”. O regime político dessa forma social seria algo intermediário entre o “despotismo oriental” e a monarquia absoluta ocidental (MARX, 1975, p.68).

O ressurgimento das rebeliões camponesas (1858-1862), o início da “emancipação” dos servos (1861) e, principalmente, a insurreição nacional polonesa (1863) acentuaram o interesse de Marx e Engels pelas condições sócio-históricas do império dos czares, sem deixar de lado a preocupação por sua influência e peso diplomático-militar nos assuntos europeus. Por um momento, Marx e Engels acreditaram que a insurreição polonesa pudesse desencadear uma revolução européia, uma nova “primavera dos povos”, como a de 1848. Como Rousseau, Marx também via na emanci-

¹ Departamento de Ciências Políticas – Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP – 17525-900 – Marília – SP.

pação nacional da Polônia um anteparo essencial para impedir o avanço do “barbarismo asiático sob a liderança moscovita” (MARX, 1961) contra o Ocidente.

A preocupação com o peso condicionante exercido pelo poder czarista sobre o Ocidente e sobre o movimento operário socialista acompanhou Marx e Engels de maneira permanente. Seriadamente batida pela aliança anglo-francesa na guerra da Criméia (1854-1857), a Rússia começou a recuperar seu papel na política internacional ao impedir que a Áustria-Hungria se aliasse a França e ao avalizar a incorporação da Alsácia-Lorena ao *Reich* prussiano-alemão. Embora parecesse que a situação fosse propícia para uma rediviva “Santa Aliança” entre a Rússia, a Alemanha e a Áustria-Hungria, o surgimento de um forte império alemão aproximou a França da Rússia para fazer frente ao perigo comum, tendo ocorrido assim uma profunda mudança geopolítica grávida de novos e terríveis conflitos.

Na análise de Marx e Engels, a vitória da Rússia na guerra contra a Turquia (1877-1878) apareceu como um verdadeiro desastre para os interesses do movimento operário europeu, pois poderia levar o império czarista ao objetivo de atingir o mar Mediterrâneo, ou por Istambul ou pela Sérvia. O conflito incontornável de interesse entre Rússia e Áustria-Hungria nos Bálcãs, aproximou a Alemanha e a Áustria-Hungria. Parece que é só a partir desse momento – já extinta a Associação Internacional dos Trabalhadores e o período mais aceso da polêmica com a intelectualidade russa – que Marx e Engels começam a supor uma revolução que ocorresse a partir do agravamento das contradições internas do vasto império absolutista russo-oriental, decorrente de seu relativo enfraquecimento estratégico no cenário europeu e da contaminação capitalista que criaria as condições para que a autocracia czarista fosse sendo minada.

Desde a derrota da insurreição polonesa, a formação da Associação Internacional dos Trabalhadores (1864) e o aumento do fluxo de exilados russos no Ocidente, os contatos e a polêmica sobre a questão russa, a natureza da comuna agrária, do Estado e da revolução, se aprofundaram, contando com a incisiva participação de Marx e Engels. Já no contexto das profundas divergências que confrontavam Marx e Engels de um lado e de outro o conjunto da intelectualidade revolucionária russa, no seio da AIT, em 1870, Engels bradava com ceticismo em carta ao amigo:

Que desdita para o mundo, se não fosse uma monstruosa mentira, que na Rússia estejam 40 mil estudantes revolucionários que não tenham atrás de si nem um proletariado revolucionário e nem mesmo um campesinato revolucionário e que diante de si não tenham outra solução senão o dilema: Sibéria ou emigração na Europa ocidental. (ENGELS, 1978, p.20-1)

Engels assim se referia a uma diferenciada juventude intelectual revolucionária que vinha se formando em decorrência do impacto da modernidade capitalista

sobre o Oriente-russo feudal, a qual formulara a ideologia de um socialismo oriental, oposto tanto à autocracia feudal quanto à propriedade privada capitalista que começava a se difundir. A antiga tradição da comuna agrária poderia ser o ponto de arranque para a construção desse particular socialismo.

Ainda com as feridas abertas pela derrota da Comuna de Paris (1871), pela expulsão de Bakunin e pela transferência do Conselho Geral da AIT para Filadélfia (1872), Engels (1982a, p.141-55) travou um debate virulento com Tkatchov, do qual resultou o texto “A questão social na Rússia” (1874). Engels confirma o diagnóstico de ser o império russo não só o sustentáculo das forças reacionárias da Europa, mas um decisivo impedimento para a eventual vitória da revolução no Ocidente. Acreditava que o império russo poderia ser derrubado por uma guerra externa ou então por uma insurreição nacional polonesa apoiada pelo movimento operário ocidental, embora reconhecesse (não sem alguma reticência) que o campesinato começava a se tornar um sujeito político e que a Rússia se preparava para uma revolução de estilo jacobino.

A fim de realçar a distância do projeto *narodnik* de um socialismo oriental fundado na comuna agrária, Engels reafirmava a necessidade objetiva do desenvolvimento das forças produtivas do capital, assim como a formação de um proletariado industrial e de uma burguesia. A revolução russa seria então de caráter burguês e levaria a comuna agrária necessariamente à destruição, num prazo mais ou menos longo. A única possibilidade de sobrevivência e transformação da comuna agrária seria uma revolução proletária na Europa ocidental.

Percebe-se então que, para Engels, a possibilidade maior de uma revolução russa em curto prazo sugeria uma origem exógena, produto de alterações políticas importantes na Europa ocidental, tanto de caráter geopolítico como de relações entre as classes sociais, ainda que o desenvolvimento capitalista, iniciado depois da supressão da servidão feudal, e a crise financeira do Estado russo estivesse levando o regime a uma encruzilhada. Mas uma vitória militar sobre a Turquia ou a Áustria seria capaz de dar uma sobrevida ao czarismo.

É bastante possível que Marx compartilhasse dessa análise de Engels, mas se isso corresponder à verdade, uma pequena diferenciação começou a aparecer nos anos seguintes. Numa carta de novembro de 1877, endereçada à revista russa *Anais da Pátria*, Marx negou ser autor de uma filosofia universal da História na qual a inserção da Rússia só seria possível através do desenvolvimento capitalista. Enfatiza que em seu capítulo sobre a “acumulação primitiva”, procurou analisar apenas a origem do capital nas entranhas da ordem feudal do Ocidente, sem qualquer pretensão universalizante (MARX, 1982a, p.165-8).

Para Marx, a Rússia não teria que inevitavelmente seguir a mesma trajetória do Ocidente, mas seu futuro possível como país capitalista dependeria da transfor-

mação de boa parte do campesinato em proletários. Fazendo uma análise dialética – muito menos evidente em Engels –, após árduos estudos, Marx conclui que

se a Rússia continuar marchando pelo caminho seguido desde 1861, ela perderá a mais bela oportunidade que a História jamais ofereceu a um povo e experimentará todas as peripécias fatais do regime capitalista. (MARX, 1982a, p.166)

Alguns anos depois, numa correspondência com Vera Zasulitch, em 1881, num momento de aproximação com uma facção dos *narodnik*, Marx expõe com maior clareza uma proposição, anteriormente apenas sugerida, estabelecendo a diferença fundamental entre Ocidente e Oriente eslavo no processo de formação do capital: no primeiro caso tratou-se da transformação de uma forma de propriedade privada (fundada no trabalho pessoal) em outra (a propriedade privada capitalista), enquanto que no segundo caso trata-se da transformação da propriedade comum em propriedade privada. A propriedade comum estivera também difundida pela Europa ocidental, mas desaparecera há muito tempo, podendo-se supor que deveria desaparecer também na Rússia. No entanto, na Rússia,

(...) a comuna rural, ainda estabelecida em escala nacional, pode desembaraçar-se gradualmente de seus caracteres primitivos e desenvolver-se diretamente como elemento da produção coletiva em escala nacional. É justamente graças à contemporaneidade da produção capitalista que ela pode apropriar-se de todas as conquistas positivas desta última, sem passar por peripécias terríveis. A Rússia não vive isolada do mundo moderno, nem é presa de um conquistador estrangeiros, como as Índias orientais. (MARX, 1982b, p.176)

Assim, no primeiro esboço dessa correspondência, Marx indica que um desenvolvimento ulterior da comuna seria possível caso essa se constituísse em elemento de produção coletiva em escala nacional e incorporasse o conhecimento técnico-científico da produção capitalista do Ocidente. Mas, “certamente se deveria começar colocando a comuna em estado normal sobre sua base atual”, sendo necessário para isso derrubar a monarquia dos czares, cujos domínios estatais e dos grandes proprietários de terra ameaçam a existência da comuna, por meio do fisco e da utilização da força de trabalho dos camponeses impelidos pela necessidade de fugir à miséria, tendo mesmo desencadeado conflitos sociais no interior da própria organização comunal (MARX, 1982b, p.175-85).

O Estado czarista russo criara um capitalismo em condições de “estufa”, a fim de poder fazer frente à pressão do Ocidente, implantando a bolsa, a especulação, os bancos, a sociedade por ações e a ferrovia. No entanto, a crise agrária torna a sobre-

vivência da comuna insustentável, pois, para os interesses articulados no Estado “é preciso constituir em classe média rural a minoria mais ou menos rica dos camponeses e converter a maioria em proletários”. Ao contrário, para que a comuna seja preservada “é preciso uma revolução russa” e

se a revolução for feita a tempo, se ela concentrar todas as suas forças para assegurar um livre curso à comuna rural, logo ela se desenvolverá como um elemento regenerador da sociedade russa e como fator de superioridade sobre os países submetidos ao regime capitalista. (MARX, 1982b, p.185)

A questão russa é dotada, portanto, de uma particularidade que a análise concreta feita n’*O capital*, não pôde dar conta. Marx percebe, então, que a contaminação capitalista na Rússia pode tanto leva-la também ao capitalismo como pode gerar uma variante não-capitalista de organização social baseada na propriedade comum não-capitalista. De fato, Marx confessa-se convencido de que a comuna agrária “é o ponto de apoio para a regeneração social da Rússia”, mas chama atenção, porém, para a presença de “influências deletérias” que a assolam e que deveriam ser eliminadas a fim de “assegurar-lhe as condições normais de um desenvolvimento espontâneo”, que fizessem com que a Rússia trilhasse uma via revolucionária não-capitalista (MARX, 1982c, p.187-8).

No *Prefácio* à edição russa de 1882 do *Manifesto Comunista*, assinado em conjunto por Marx e Engels, aparece uma síntese da visão marxiana, mas, ao que parece, compartilhada por Engels de uma maneira bastante limitada e momentânea. Nesse texto está dito que “se a revolução russa der o sinal para uma revolução proletária no Ocidente, de modo que ambas se complementem, a atual propriedade comum da terra na Rússia poderá servir de ponto de partida para uma evolução comunista” (MARX, 1982c, p.191-3). Essa é uma solução que pode ter inspirado decisivamente a teoria política leniniana e a *práxis* política dos bolcheviques em 1917!

Já com Marx morto, Engels se transforma na principal referência teórica para o círculo de marxistas que tentava se organizar na Rússia. Nessa qualidade é que envia carta a Vera Zasulitch reafirmando a sua firme concepção de que a Rússia se aproximava de uma revolução de estilo jacobino, que daria um novo impulso ao desenvolvimento capitalista (ENGELS, 1982d, p.201-3).

Nos anos de 1890, Engels passou a ser mesmo a referência teórica de todo o movimento socialista que se referia a seu nome e ao de Marx. Em suas manifestações sobre a Rússia sempre reafirmou a perspectiva histórica e política que havia se sedimentado em seu pensamento desde os anos 60. Em carta a Danielson, por exemplo, insistia em que a Rússia não poderia escapar ao desenvolvimento capitalista a menos que uma revolução socialista ocorresse no Ocidente. Nesse caso, e só nesse caso, a

comuna rural poderia sobreviver. Ou seja, os resquícios da propriedade comum existente na terra russa se acoplariam à nova propriedade comum surgida da superação do capitalismo no Ocidente. De todo modo, o Oriente-russo manter-se-ia com um vínculo subalterno em relação ao núcleo do Ocidente (ENGELS, 1982b, p.245-8).

Uma derradeira e importante manifestação de Engels sobre o tema abordado ocorreu em 1894, como um suporte à posição do grupo marxista russo Emancipação do Trabalho contra os *narodniks*, num texto chamado de “Epílogo à questão social na Rússia” (ENGELS, 1982a, p.275-87). Nessa ocasião, Engels reafirma sua análise do desenvolvimento capitalista na Rússia, produto de “um novo período de revoluções conduzidas de cima para baixo, que começaram na Alemanha”. Essa passagem de época a um só tempo corrói o que resta da comuna agrária, cria um movimento socialista proletário e fortalece a burguesia.

Uma revolução burguesa na Rússia, de fundo jacobino, parecia ser evento descontado para os próximos anos, o que impediria a guerra, fortaleceria o movimento operário alemão e salvaria a comuna agrária. De todo modo, Engels persistia na visão da origem exógena da revolução russa já que “a iniciativa para a transformação da comuna agrária russa não pode sair do seu interior, mas unicamente do proletariado industrial do Ocidente”. Mais ainda, numa acentuada diferença de Marx, que não pleiteava ser o fundador, por tratar-se de um engano, de qualquer filosofia da história, Engels acreditava que o caminho da ocidentalização deveria ser trilhado por todos os povos e que o socialismo deveria, necessariamente, originar-se do núcleo do Ocidente:

Somente quando a produção capitalista for superada em sua pátria e nos países onde floresce, somente quando, através do seu exemplo, os países atrasados puderem ver “como se faz”, como a coletividade utiliza as forças produtivas industriais modernas em função da propriedade socialista, só então esses países poderão tomar aquele caminho mais curto de desenvolvimento, quando então terão garantia de sucesso. E isso vale não somente para a Rússia, mas para todos os países que se encontram em uma etapa de desenvolvimento pré-capitalista. (ENGELS, 1982a)

Engels pretendeu também manter a análise sua e de Marx, falecido em 1883, sobre o papel condicionante e opressivo desempenhado pela Rússia nas relações internacionais européias, particularmente em relação ao acordo tácito existente entre os impérios russo, alemão e austro-húngaro, para evitar qualquer movimento revolucionário. Num breve ensaio publicado em 1890, sob o título de *A política externa dos czares*, Engels retoma toda a trajetória da política externa da Rússia desde o século XVIII, com o fito de descortinar as dificuldades e o

virtual tramonto dessa aliança em favor de um novo realinhamento estratégico (ENGELS, 1978, p.37-85).

O fortalecimento do império alemão empurra a França para uma aliança com a Rússia, enquanto que o projeto russo de alcançar Istambul (Zarigrad, para os russos) aproxima a Áustria (e também a Itália) da Alemanha. Apenas uma revolução que pusesse abaixo o czarismo seria capaz de evitar um conflito militar catastrófico de proporções mundiais. O czarismo persiste sendo o inimigo principal não só da emancipação nacional dos povos como do movimento socialista. Para Engels, derrotado o czarismo e implantado um Estado de direito na Rússia, o movimento operário do Ocidente, com sua incontestável tendência de crescimento, poderá tratar de acelerar a passagem da sociedade capitalista para a socialista.

Num artigo de 1892, intitulado “O partido socialista alemão e a paz”, (ENGELS, 1978, p.87-95) tratando do problema dos riscos de uma guerra, Engels defende o apoio do partido socialista alemão ao Estado imperial contra a Rússia czarista aliada à França, pois, nesse caso, estariam em jogo a própria sobrevivência do movimento operário e o futuro da revolução socialista. A guerra levaria os socialistas ou à vitória em curto prazo ou à aniquilação, enquanto que a preferível paz garantiria a vitória num prazo maior. Impossível deixar de perceber como essa análise de Engels serviu para justificar a capitulação do grupo dirigente do partido social-democrata alemão diante da eclosão da guerra imperialista de 1914-1918.

Para concluir, é possível dizer que há uma diferença marcante no conjunto da análise entre Marx e Engels sobre a questão russa e, por decorrência, sobre a natureza da particularidade do capitalismo e da História. A visão de Marx é mais acentuadamente dialética, perscrutando a possibilidade de uma particular revolução russa fundada na comuna agrária e na vanguarda revolucionária, servindo de estímulo ao proletariado alemão, enquanto que Engels enfatizava a objetividade das leis do desenvolvimento capitalista na sua universalidade e a origem exógena da revolução russa, ainda que essa viesse a ocorrer sob a forma jacobina. As aparentes oscilações de Marx na avaliação da questão russa decorreram, em parte, das injunções das relações políticas com a intelectualidade russa e da dificuldade objetiva de acompanhamento das contradições e possibilidades do processo sócio-histórico russo.

O movimento do real expunha a desagregação do feudalismo oriental e indicava a possibilidade da passagem para um capitalismo subordinado ao Ocidente ou para uma ruptura revolucionária que resgatasse a comuna agrária e incidisse como estímulo para a eclosão da revolução socialista no próprio cerne do Ocidente. Parece haver no próprio marxismo russo uma disjunção entre o pensamento de Marx que teria oferecido o principal influxo para a formulação de Lênin, enquanto que Plekhanov e os mencheviques liam a realidade russa mais de acordo com as idéias de Engels. No

entanto, enfatize-se, até 1918, Lênin insistiu na idéia – de marca engelsiana – da condenação inevitável da comuna, até que selou a aliança com os neo-*narodniks* para a efetivação da revolução socialista, da qual a comuna agrária saiu novamente fortalecida, pois com a instauração da ditadura terrorista de Stálin essa forma social arcaica foi estirpada de vez.

Referências

- ENGELS, F. **La politica estera deglizar**. Milano: La Salamandra, 1978.
- _____. Epílogo à questão social na Rússia. In: FERNANDES, R. C. (Org.). **Dilemas do socialismo**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1982a. p. 275-87.
- _____. A N. F. Danielson: 24 de fevereiro de 1893. In: FERNANDES, R. C. (Org.). **Dilemas do socialismo**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1982b. p. 245-8.
- _____. A questão social na Rússia. In: FERNANDES, R. C. (Org.). **Dilemas do socialismo**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1982c. p. 141-55.
- _____. A Vera Zaslitchi: 23 de abril de 1885. In: FERNANDES, R. C. (Org.). **Dilemas do socialismo**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1982d. p. 201-3.
- MARX, K. (1867). Un discours de Karl Marx sur la Pologne. **Cahiers de I'ISEA**, Série c, n.4, p.89, 1961.
- MARX, K. **Formações econômicas pré-capitalistas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- _____. À redação do Otieetchestviennüe Zapiski. In: FERNANDES, R. C. (Org.). **Dilemas do socialismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982a. p. 165-8.
- _____. A Vera Zaslitchi: primeiro rascunho fevereiro-março de 1881. In: FERNANDES, R. C. (Org.). **Dilemas do socialismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982b. p. 176-85.
- _____. A Vera Zaslitchi: terceiro rascunho 8 de março de 1881. In: FERNANDES, R. C. (Org.). **Dilemas do socialismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982c. p. 191-3.

— ** —

RESUMO: O artigo aborda a evolução do pensamento de Marx e Engels sobre a Rússia dos czares, particularmente no que tange a política internacional e o papel da comuna agrária dentro da crise dessa formação social. Procura também perceber as diferenças de concepção presentes entre os fundadores do comunismo crítico.

A questão russa para Marx e Engels

PALAVRAS-CHAVE: Rússia; marxismo; comuna rural; capitalismo; Oriente e Ocidente.

ABSTRACT: This article approaches the evolution of Marx and Engels' thoughts about the Russia of the czars, particularly in what they refer to the international politics and the role of the agrarian comuna in its own social development. It also tries to show the concept differences among the founders of the critical communism.

KEYWORDS: Rússia, marxism, rural comuna, capitalism, East and West.